

MÍDIAS SOCIAIS E AUTOMUTILAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA SOCIAL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR/EDUCADOR NAS PRÁTICAS EM AÇÕES PREVENTIVAS E RESTAURATIVAS.

Elaine de Oliveria Ferreira¹

Jacy Marques Passos²

Thainá Maria da Silva Quitete³

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a relevância da Pedagogia Social em processos de auto-mutilação e de suicídio cometidos por crianças, adolescentes e jovens no atual cenário social, em grande parte, influenciados pelas mídias. Nesse pressuposto, estaremos contextualizando dados estatísticos referentes à saúde pública e educação, construindo possíveis caminhos a partir de aspectos restaurativos e preventivos, com contribuições do professor/educador a partir de um viés com a Pedagogia Social. Para tanto, foram utilizadas pesquisas qualitativas e quantitativas para subsidiar nosso artigo.

Palavras Chave: Pedagogia social - Mídias- Prevenção.

1 Mestranda em Educação do Campo dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular na UFF- Pesquisadora Extensionista em Pedagogia Social – Pós graduada em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco (UCB) – Graduada em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) elaineof19@hotmail.com

²Pedagogo; Coordenador Pedagógico do Núcleo de Formação Continuada e Comunicação (NUFOCCO – SMDS); Professor do Curso de Extensão PIPAS (UFF) e da Especialização em Pedagogia Social para o Século XXI (Grupo PIPAS-UFF) e Pesquisador Extensionista em Pedagogia Social - PIPAS-UFF.

³Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense. Residente no Programa de Residência Pedagógica - CAPES. Pesquisadora Extensionista em Pedagogia Social – UFF. Colaboradora no Curso de Extensão em Pedagogia Social para o Século XXI – UFF.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade promover o diálogo entre os processos autodestrutivos que vêm acometendo as crianças, adolescentes e jovens sobre fortes influências midiáticas, como também influências de diversas redes sociais, que vêm agindo diretamente nas alterações comportamentais desses jovens, dentre outros aspectos.

Nesse sentido, pretende-se dar visibilidade a temática, por meio de reportagens, dados estatísticos mundiais com recortes para o Brasil, perpassando a questão da prevenção através da contribuição do professor/educador com um olhar na Pedagogia social, a partir de um trabalho em rede.

Além disso, objetiva-se dar ênfase na relevância da formação de professores/educadores, que de fato tenham propostas através de projetos e trabalhos instrumentalizados na práxis, que possam contribuir para a transformação desse quadro desumanizante.

SOBRE AS CRIANÇAS/ ADOLESCENTES E AS MÍDIAS SOCIAIS

Considerando os processos históricos da evolução tecnológica, é possível perceber o quanto essa questão vem afetando as crianças e adolescentes através das mídias sociais. Segundo o Estatuto da criança e adolescente, *considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade* - ECA(Lei Federal 8.069, Art. 2º de 13/07/90).

Independentemente de classe social, desde muito cedo, eles vêm tendo contado com algum tipo de aparelho tecnológico, ou seja, aparelhos celulares, tablet, computadores, sejam eles oferecidos em suas rotinas em família ou até mesmo no cotidiano da vida social das cidades, na ida a um consultório médico, por exemplo, ao banco, ao mercado, dentre outros.

Muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar seja as representações, seja os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento desses objetos sociais, parece possível e necessário balizar o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos. (CERTEAU, 1994, p.38).

Assim sendo, a geração Pós-moderna parece ter mais intimidade com toda essa tecnologia, em comparação com as gerações antepassadas, a partir das representações, do tempo e contato dedicados aos aparelhos tecnológicos, como

também às influências destes tipos de vivências e movimentações no comportamento propriamente dito.

Dessa forma, importa registrar que esses processos comunicativos, ou seja, todo este panorama cibernético⁴ parece influenciar tanto em aspectos positivos, quanto negativos, nas maneiras de agir das crianças e adolescentes. A partir daí, trazemos dois exemplos de jogos que chegam até as crianças e adolescentes através das redes sociais e da internet.

Segundo as reportagens do jornal O Globo⁵ de 29/04/17 e de 18/03/19, esses jogos geralmente são atrativos e possuem uma linguagem envolvente, com capacidade de persuadir essa categoria facilmente, levando-os a cometerem atrocidades como: auto- mutilação, ferir ou matar seus familiares ou até mesmo o suicídio.

A BALEIA AZUL E A BONECA MOMO SERIAM MODOS DE OPRESSÃO?

Refletindo sobre os atrativos oferecidos aos nossos jovens através da internet e das redes sociais, é que tentamos compreender como as crianças e adolescentes recebem e sentem as notícias, sem a intenção de detalhar os fatos apresentados na reportagem. Assim, trazemos a seguinte inquietação: Quais os fatores que parecem contribuir para a disseminação desses jogos? Estaríamos construindo uma sociedade desumana? Por que do fascínio das crianças e adolescentes em jogos que incentivam a autodestruição?

É nesse sentido que buscamos por compreender em como a Pedagogia Social, através da formação do professor/educador social, podem contribuir para ações e práticas preventivas como também restaurativas. A partir dessas inquietações, trazemos duas matérias publicadas no Jornal O Globo para fundamentar nossas discussões.

De acordo com o Jornal O Globo (2017), o jogo da “baleia azul”, ou o desafio da “baleia azul” teve origem em 2015 na Rússia, e a partir daí foi se propagando

⁴Significado de Cibernéticas substantivo feminino. Ciência que estuda os mecanismos de comunicação e de controle nas máquinas e nos seres vivos. Fonte: <https://www.dicio.com.br/cibernetica/> Acesso em 29 de abril 2019.

⁵O Globo é um jornal diário de notícias brasileiro, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro. De circulação nacional pela assinatura mensal nas formas impressa ou digital. É parte integrante do Grupo Globo, de propriedade da família Marinho, que inclui a Rádio Globo e a Globo.

pela Europa. Ainda segundo a reportagem, o Brasil passou por uma investigação em 2017, na qual se percebeu uma relação em casos de auto-mutilação e suicídio em Curitiba(PR), Goiânia(GO), Belo Horizonte(MG), Pará de Minas(MG), e Arcoverde (PE).As mortes e os processos autodestrutivos teriam o mesmo perfil,os adolescentes estariam sendo encorajados a retirar a própria vida por meio de uma série de desafios online. Foi necessária uma intervenção do Ministério da Justiça que acionou a Polícia Federal para apurar a influência e a relação desses jogos cibernéticos. (BBC Brasil- São Paulo, Globo.com, Abr, 2017).



Fonte:<http://ansabrasil.com.br/>. Acesso em 08 de maio de 2019.

Segundo a matéria, trata-se de um jogo que se inspira na imagem da baleia azul, no qual apresentam cinquenta desafios, todos os dias um novo desafio é lançado. No início as tarefas são simples e vão ganhando novas fases, mais perigosas e mais complexas, como por exemplo, tatuar o desenho de uma baleia no antebraço com auxílio de uma faca e chegar até ao suicídio.

Nossa segunda temática autodestrutiva abordada, não menos perigosa que a baleia azul, é sobre o jogo da boneca Momo. Segundo também o jornal O Globo (2019), trata-se também de um desafio divulgado através do WhatsApp⁶ ou por vídeos no Youtube⁷, no qual similar ao desafio da baleia azul, o usuário é estimulado por um criminoso que finge ser a boneca se comunicando, levando a

⁶WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

⁷ - YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno. O serviço foi criado por três ex- funcionários do PayPal - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - em fevereiro de 2005.

criança/adolescente a cometer diversos tipos de violências como, por exemplo, mutilação ou até mesmo o suicídio.

Nas buscas realizadas pelo GLOBO foram identificados três vídeos diferentes em que o conteúdo está inserido, que estão sendo republicados e compartilhados por pais em redes sociais e programas de mensagem. Um com os personagens de “Peppa Pig”; outro sobre o clipe “Baby Shark Dance”, da dupla Pink Fong; e o terceiro num vídeo de uma menina brincando com slime. (MATSUURA, Globo, Março, 2019).



Fonte: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/08/31/o-que-e-o-desafio-da-boneca-momo.html> Acesso em 10 de maio 2019.

Desse modo, nos cabe uma reflexão a respeito de como interceder nesses processos, dialogando com a Pedagogia Social, para que as crianças e adolescentes não se tornem presas fáceis a esse tipo de comunicação degradante. No sentido de construir relações com as crianças/adolescentes, das quais os tornem capazes de serem donos de seus próprios destinos, não acomodados com a opressão imposta pelas mídias, mas tendo condições de superar as situações opressoras.

Os oprimidos, que introjetam “a sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que preenchessem o “vazio” deixado pela expulsão, com o outro “conteúdo” - o de sua autonomia. (FREIRE, p.35, 1970).

A partir da reflexão em Freire, nos parece pertinente pensar na questão da vulnerabilidade em que as crianças, adolescentes e jovens que imergem nesses tipos de desafios estão imersas. Quando falamos em vulnerabilidade, pensamos no quanto essa palavra nos diz, ou seja, é importante observar o seu sentido no que se refere a quem são as crianças em situação de vulnerabilidade, ou que apresentam

condições de risco, para se tornarem prezas fáceis a esses jogos e desafios manipuladores. Dessa maneira, entendemos que qualquer ser humano pode estar vulnerável em dado momento de vida. (ARAÚJO 2015).

Nesse ponto, cabe uma atenção no que diz respeito à Pedagogia Social, no sentido de contribuição para o processo de emancipação do sujeito, não apenas atrelado à escola, mas muito além de seus muros, auxiliando no exercício de autonomia em todos os aspectos da vida.

As complexidades envolvidas no matar a si mesmo....

...Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir este resultado. Ribeiro e Moreira (2018)

Com o objetivo de dar visibilidade ao quadro relacionado ao suicídio pelo mundo, através de informações relevantes, para a partir delas, buscar alternativas e possibilidades, com viés pedagógico-social, torna-se um grande desafio para os professores/educadores sociais, uma vez que, lidar com nuances dessa realidade social, na qual, o envolvimento efetivo de adolescentes e jovens é real em nosso País, exigirá dos atores sociais, além de uma atuação consistente, à necessidade de um olhar cauteloso para a temática.

...se, em vez de vermos neles [nos suicídios] apenas acontecimentos particulares isolados uns dos outros e que necessitam cada um por si de um exame particular, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos numa sociedade dada, o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, um todo de coleção, mas constituírem si um fato novo e sui generis, que possui a sua unidade e a sua individualidade, a sua natureza própria por conseguinte, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social... Ribeiro e Moreira (2018)

Nesse quadro, portanto, os autores sinalizam para a forma peculiar de se enxergar o que acontece no seio da sociedade mundial e, não só isso, indicam claramente o tratamento a ser dado a situação, para que não se caia na armadilha dos números frios apresentados, já que, *“possui a sua unidade e a sua individualidade, a sua natureza própria por conseguinte[...]”*, além de trazer aclarado a magnitude do como agir.

Nesse aspecto, então, empenhamo-nos em tratar o tema respeitosamente, de maneira, que se possa caminhar através da Pedagogia Social e, nessa perspectiva, trabalhar na prevenção, sensibilidade e consciência, para buscar a sensibilização dos atores sociais, no sentido de tratar na essência, tema tão relevante.

Nesse contexto, ao empreender, tais atitudes para avanços significativos e, com isso, a finalidade de minimizar dados alarmantes, enxerga-se prioritariamente o ser humano na causa relacionada ao suicídio, apresentado nessa produção textual. Do ponto de vista ampliado, será primordial, demandar dos envolvidos nas diversas áreas sociais, a consciência dos esforços em Rede, no sentido de se alcançar o que foi proposto.

Assim, a compreensão, no que se refere ao peremptório da temática abordada, nos trás um arcabouço de mensagens de seus estudiosos que, historicamente, debruçaram-se nas causas e conseqüências, para trazer-nos uma posição que o considera desde o ato mais individual ao qual o ser humano está sujeito, bem como, outros que empreendem na decorrência da pressão social, uma das razões fundamentais para o cometimento do ato.

Nessa conjuntura, a Organização Pan Americana de Saúde / Organização Mundial de Saúde, alerta através de dados estatísticos a complexidade do assunto e, o quanto será necessário, no sentido de ações assertivas, a possibilidade de arrazoar o tema com as especificidades que lhe lhes são peculiares.

Nesse aspecto, a pesquisa da OPAS/OMS⁸ aponta que:

A cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta suicídio. Cada suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros e tem efeitos duradouros sobre as pessoas deixadas para trás. O suicídio ocorre durante todo o curso de vida e foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo no ano de 2016.

Nessa pesquisa, existe também, um registro que sinaliza para um fator importante, ao demonstrar que o suicídio não é uma exclusividade em países de alta renda, pode-se constatar o fenômeno mundialmente, em todas as regiões. A constatação, segundo a pesquisa, revela que 79% dos suicídios ocorreram em países de baixa e média renda em 2016.

A partir desses pressupostos, a Organização Mundial de Saúde, registra: *“Trata-se de um grave problema de saúde pública, todavia, os suicídios podem ser*

⁸Organização Pan Americana de Saúde / Organização Mundial de Saúde

evitados em tempo oportuno, com base em evidências e com intervenções de baixo custo.”

Esse pensamento, portanto, corrobora, com as premissas que perpassam a Pedagogia Social, que é a pedagogia da convivência, do amor, solidariedade e horizontalidade nas ações, uma vez que: *“para uma efetiva prevenção, as respostas nacionais necessitam de uma ampla estratégia multisetorial.”* OMS 2016

A pesquisa aponta para a questão do suicídio, ser uma questão complexa e, nesse sentido, vai demandar esforços de prevenção necessitam de coordenação e colaboração entre os múltiplos setores da sociedade incluindo: *“saúde, educação, trabalho, agricultura, negócios, justiça, lei, defesa, política e mídia.”*OMS 2016.

Nesse sentido, as ações devem ser amplas e participativas, na perspectiva de compreender, que apenas uma abordagem, não pode impactar em um tema tão complexo quanto o suicídio.

Sendo assim, a Organização Mundial de Saúde, trata como sendo o suicídio, uma prioridade quando o assunto é saúde pública e, portanto, um imperativo global:

A OMS reconhece o suicídio como uma prioridade de saúde pública. O primeiro relatório sobre suicídio no mundo da OMS “Prevenção do suicídio: um imperativo global”, publicado em 2014, tem como objetivo conscientizar sobre a importância do suicídio e das tentativas de suicídio para a saúde pública e fazer da prevenção uma alta prioridade na agenda global de saúde pública. O documento também incentiva e apóia os países a desenvolverem ou reforçarem estratégias de prevenção ao suicídio em uma abordagem de saúde pública multisetorial.

Esse alerta, que se estende a todos os atores que: *“a taxa de mortalidade por suicídio é um indicador da meta 3.4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”*. Para tanto, revela que até 2030, a meta demonstrada nesses estudos é a de reduzir em um terço a mortalidade prematura por doenças não transmissíveis via prevenção e tratamento, e promover a saúde mental e o bem-estar.

Além disso, quando se faz o recorte para o Brasil a situação, relacionada ao suicídio, verifica-se que, no País, aumentou gradativamente, entre 2000 e 2016, revelando que os dados apontam o crescimento de 6.780 para 11.736, com uma alta substancial de 73% nesse período. Infere-se então, que as maiores taxas de

crescimento foram registradas entre jovens e idosos, do acordo com o Ministério da Saúde.

No Brasil, no ano 2015, o suicídio, segundo os dados do Ministério da Saúde, *“foi a quarta causa de morte nessa mesma faixa etária, ficando atrás de violência e acidente de trânsito. A partir desses apontamentos, as reflexões para alcance dos objetivos, nos levam à dura realidade da urgência que a causa exige. A prevenção.*

Com relação ao tema, o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, responsável pela pesquisa Mapa da Violência no Brasil desde 1998, alerta para a seguinte situação:

“Houve uma leve oscilação para baixo que ainda não pode ser considerada uma tendência de queda, pois é bem pouco significativa. Houve certa estabilização depois de um tempo de crescimento constante em todas as faixas etárias. Uma melhora na taxa que antes era de crescimento contínuo”

Entretanto, a oscilação para baixo, não significa uma tendência de queda, no período de dois anos consecutivos, segundo o sociólogo, a afirmação de queda se dá após três anos consecutivos. Assim, ratifica de fato, a queda:

"Os dois últimos anos marcam essa pequena estabilização. Só podemos falar em tendência após três anos consecutivos de queda. Estamos no segundo ano, então isso pode ser apenas uma oscilação e não uma queda"

Nessa perspectiva, pode-se observar a realidade social contemporânea, detalhada nas tabelas a seguir e, ao examinar o número e as taxas de suicídio segundo as especificidades, raça/cor das vítimas. Essa análise possibilitará a compreensão que, também neste caso, as taxas de suicídio entre os brancos – 4,8 em 100 mil – são significativamente superiores às dos negros: 3,3 em 100 mil. Isso determina uma diferença de 32,2% a mais de suicídios entre os brancos.

Logo, os jovens brancos apresentam a mesma taxa de suicídios que os brancos na população total (4,8 em 100 mil), mas os suicídios entre os jovens negros (4 em 100 mil) são maiores que na população total de negros (3,3 em 100 mil). Assim, a taxa entre os jovens brancos é 17,3% maior do que entre os jovens negros.

Portanto, ao enxergarmos nesses casos, possibilidades de desconstrução de alguns paradigmas, tendo como base, a Pedagogia Social, importará em dar um importante passo na direção de interrupção de processos que se reproduzem socialmente, mas que, ao olhar atento para o entorno e sensibilidade para as demandas de educandos, nos espaços de educação que estão inseridos, nos revelarão atitudes para ressignificar um caminhar com outras perspectivas.

COMO PENSAR ENTÃO, EM UM TRABALHO DE PREVENÇÃO DA AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA?

Ao enfatizarmos que a escola reproduz o que a sociedade produz, encontramos situações pertinentes fora da escola que afetam diretamente os indivíduos dentro desse sistema. Por isso, refletir e dialogar entre os sujeitos e sujeitados da escola é essencial para evitar questões como a automutilação de crianças, jovens e adolescentes.

Nessa perspectiva, é apresentado qual a dedicação que se encontra a Pedagogia Social em relação à escola, de forma que:

Dedicamos nossas vidas ao trabalho junto às crianças em situação de risco social. Muito antes de esta expressão ser cunhada já nos ocupávamos com os pequenos, **vítimas de projetos econômicos, políticos e sociais censuráveis, comprometidos com o *status quo* das classes dominantes, promotores de injustiça social, desigualdade humana e, acima de tudo, indignidade.** (ARAÚJO, 2015, p.223. *grifo nosso*)

Importa compreender, para além dos pequenos, mas também dos jovens, que a Pedagogia Social busca abarcar esse mesmo grupo que se encontra “vítima de projetos econômicos, políticos e sociais”. Essa maneira de pensar, parte do princípio de que nada que está esclarecido na sociedade, está realmente elucidado. Por trás de histórias pessoais, familiares, coletivas, há um poder oculto que trabalha na contramão do objetivo da educação.

Dessa forma, a autora Araújo (2015), identifica nesse poder oculto a presença do paradigma positivista, ao qual ela diz que “organiza, classifica e exclui”. Ao refletir sobre essas três palavras, podemos perceber com clareza essas ações no contexto escolar. Contexto esse que organiza as classes, séries, idades e em até em algumas escolas divide entre os bons e os péssimos alunos.

Já na palavra “classifica”, pode-se observar as classificações existentes de afeto presente na escola. A escolha do aluno perfeito, inteligente, com família interessada na sua educação, ao invés da escolha do aluno “fracasso”, que pouco liga pros exercícios, com a família que tem interesse inusual. Tais preferências e classificações prejudicam a vivência dos estudantes, seu aspecto psíquico-social, dentre outras questões atreladas a etiquetagem do que se é e que não é, que a escola insiste em oferecer e denominar.

Assim, adentramos então na última palavra, a “exclusão”, desse modo, podemos ver na escola a exclusão como resultado dos dois itens anteriores. Pode-se observar, que começa pela estrutura da escola, externa ao estudante e termina na estrutura do aluno, interna e no estudante. Ambas estruturas, carregam uma dualidade de resultados, pois ambas tem um grande poder de mudar visões, fortalecer e amparar, mas também quando não são assim trabalhadas e vistas, tem poder de separar, classificar, e excluir.

Diante disso, ao se analisar esse paradigma presente na escola, que é antidemocrática, pode-se observar o fato de não permitir muitas vezes o outro se posicionar, estar repleta de hierarquia e relações de poder. Para isso, Saviani (2012), nos convida a refletir sobre essa ação da escola e o que ela vêm produzindo de resultados:

Se é razoável supor que não se ensina democracia por meio de práticas pedagógicas antidemocráticas, nem por isso se deve inferir que a democratização das relações internas à escola é condição suficiente de democratização da sociedade” (SAVIANI, 2012, p.77)

Diante da citação acima, podemos perceber que uma situação interfere na outra, por exemplo, não se pode esperar ser tratado bem quando se trata mal. Toda relação humana é uma relação de troca, de causa e consequências. Por isso, ser uma professora-pesquisadora na escola é essencial para refletir sobre suas ações e as ações do outro.

Sobre formação docente, baseada na ação-reflexão e a ação que a moralidade tem no dia a dia e em seu fazer docente, Freire (2005), nos aponta que:

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para está a altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora

sejam determinadas por sua competência científica. (FREIRE, 2005, p. 103)

A partir daí, sobre essa ação e reflexão, devemos ser exemplo nas nossas atitudes e práticas diante da escola, do aluno e da comunidade. Sendo assim, há de ter um empenho pessoal e profissional para que seja realmente democrática a sua prática.

Dessa forma, uma escola que realmente tenha como profissionais, professores-reflexivos, estrutura compreensiva e ação baseada na reflexão, essa escola será de fato democrática. A esta escola, Saviani (2012), denomina de “Escola Nova Popular”, ao qual:

Parte-se da crítica à pedagogia tradicional (pedagogia bancária) caracterizada pela passividade, transmissão de conteúdos, memorização, verbalismo etc. E advoga-se uma pedagogia ativa, centrada na iniciativa dos alunos, no diálogo (relação dialógica), na troca de conhecimentos. (SAVIANI, 2012, p.68)

Diante disso, uma escola que baseia-se no diálogo é muito importante, para que haja uma tentativa de entendimento do que a escola pode ser para o estudante, um local de diálogo, amparo, e de construção de conhecimento. Um local este, baseado no respeito, na valorização do ser humano e, sobretudo, da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho aponta as complexidades no entorno de crianças, adolescentes e jovens que apresentam condições de automutilação e suicídio na sociedade contemporânea, além de sinalizar as possíveis influências midiáticas e tecnológicas nesses processos.

Dessa maneira, foi possível trazer à discussão as contribuições que a Pedagogia social parece representar a essa categoria, ou seja, as crianças, adolescentes e jovens, que por muitas vezes, podem ser consideradas prezas fáceis para o fato da automutilação e do matar-se a si mesmo.

Portanto ao perceber tais aspectos, entende-se que se faz necessário, uma reflexão do professor/educador, debruçado no viés da Pedagogia social, para que dessa forma seja possível pensar em ações em parceria com as famílias a escola a comunidade e seu entorno, que de fato atenda as necessidades psicossociais dessas crianças e jovens, possibilitando uma autonomia e emancipação nos processos de tomadas de decisões, em especial, quando expostos a essas questões degradantes.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Margareth Martins de. Formação de professores e práticas educativas: Novos paradigmas, a minha, a sua e as nossas histórias. In: ARAÚJO, Flávia Monteiro de Barros. Formação de professores: múltiplos olhares. Niterói. Eduff, 2015, p. 223 - 238.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

G1 EDUCAÇÃO - Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/jogo-da-baleia-azul-ate-que-ponto-devemos-nos-preocupar.ghtml> acesso 12/05/19.

O GLOBO SOCIEDADE - Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/atencao-pais-parem-de-compartilhar-videos-sobre-desafio-da-boneca-momo-23532209> acesso 12/05/2019)

OPAS BRASIL - Organização Pan Americana de Saúde / Organização Mundial de Saúde Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839 – Acessado em 04 de maio de 2019

RIBEIRO, José Mendes; **MOREIRA**, Marcelo Rasga Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. DOI: 10.1590 - 8123201823917192018 - Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf> - Acessado 11/05/2019.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 42º edição. Autores Associados. Campinas, 2012. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portal/arquivos/phc/D_Saviani_Escola_e_democracia.pdf Acesso em: 11 de maio de 2019.

WASELFISZ. Julio Jacobo - Mapa da Violência 2006 - Os jovens do Brasil – Disponível em <https://www.mapadaviolencia.org.br/publicacoes/Mapa2006.pdf> - Brasília - 2006 – Acessado em 12/05/2016.

NOTA CURRICULAR:

Elaine de Oliveira Ferreira: Mestranda em Educação do Campo dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular na UFF- Pesquisadora Extensionista em Pedagogia Social – Pós graduada em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco (UCB) – Graduada em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) elaineof19@hotmail.com

Jacy Marques Passos: Pedagogo; Coordenador Pedagógico do Núcleo de Formação Continuada e Comunicação (NUFOCCO – SMDS); Professor do Curso de Extensão PIPAS (UFF) e da Especialização em Pedagogia Social para o Século XXI (Grupo PIPAS-UFF) e Pesquisador Extensionista em Pedagogia Social - PIPAS-UFF.jacym34@gmail.com

Thainá Maria da Silva Quitete:Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense. Residente no Programa de Residência Pedagógica - CAPES. Pesquisadora Extensionista em Pedagogia Social – UFF. Colaboradora no Curso de Extensão em Pedagogia Social para o Século XXI – UFF.thainaquitete@id.uff.br